



Gaiato

4 DE NOVEMBRO DE 1967

ANO XXIV — N.º 617 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



ISTO É A CASA DO GAIATO. DESCONTRACÇÃO. AUSENCIA DE POSE.

Filhos ilegítimos?

Eis uma carta, testemunho de vida, que aqui veio dar:

«Tenho lido com o maior interesse, no Gaiato, os artigos sobre os chamados filhos ilegítimos e venho manifestar-lhe a minha simpatia por tão corajosamente tomar a defesa de quem sofre sem culpa nenhuma. Começa por ser revoltante a designação de ilegítimo, com que marcam um ser inocente, como se marcam os animais com determinado sinal. Por que não pôr apenas no Registo, filho de... e de..., porque toda a gente tem pai; e prescindir do ferrete de ilegítimo, que apenas envergonha a vítima da culpa e não o autor da mesma? Por que não há-de o filho, chamado ilegítimo, herdar como os outros e receber os mesmos cuidados? Que fez ele, para ser posto à margem da sociedade e ser desprezado pela maioria das pessoas?»

Sou professora do ensino primário e estive numa aldeia onde mais de um terço(!) das crianças eram filhas de pai incógnito muito embora toda a gente lhe conhecesse os pais. Pois lembro com mágoa que, às vezes, quando, inadvertidamente, perguntava o nome a qualquer daquelas crianças, para efeito de identificação, ela se limitava a corar e eram as outras que respondiam que ela não tinha pai. E lembro também que um homem da mesma aldeia, pai duma minha aluna, me contou que era filho da «curiosidade» e que

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA.

Areias do Cavaco

Chegou, há dias, uma carta dos Estados Unidos da América, de que não resisto a tirar algumas frases, por amor da riqueza de que elas são portadoras:

«Junto a estas linhas, encontrará um cheque no valor de 50 dólares, em cumprimento de uma promessa. O ano passado, tinha a minha filhinha 6 meses, voltei a trabalhar. Como havia pouco trabalho, estávamos a fazer dois ou três dias por semana. Nessa altura, pedi a N. Senhora se viesse mais trabalho e eu fizesse mais que uma certa conta por semana, mandaria o que fosse além para a Casa do Gaiato. Há semanas que faço mais, outras faço menos; quando faço mais, ponho para o lado.

Este ano, até hoje, já fiz mais 45 dólares e 68 cent... Vou amanhã para o hospital... e N. Senhora permita que não seja nada de mau, pois gostava de ganhar mais algum dólar para os Gaiatos e também de viver mais alguns anos junto de meu marido, filhinha e mais família... Uma Amiga do Gaiato.

Mais um recado aos assinantes do «Famoso» e da Editorial

O postal-aviso tem operado uma autêntica barreira! Não sou apenas eu que o digo. Mas Avelino também: «Olha aqui pra cima, pró ficheiro!...» São montes de fichas e chapas de endereços, para regularizar. Uns mudaram de direcção e foi necessário o inofensivo postal para se dar conta que já não residem no mesmo local. Outros que, infelizmente, faleceram. A família acusou o toque e deu sinal. Enfim, uma autêntica barreira!

Entretanto, o grosso do pelotão cumpre eficazmente o objectivo: põe suas contas em ordem. Todavia, os problemas continuam a surgir! E, por vezes, somos forçados a encontrar uma agulha no palheiro. São os que, mesmo em face do pedido, bem claro, inserto no postal-aviso, por leitura descuidada ou outras razões compreensíveis, mas prejudiciais, continuam a dirigir-se-nos como anónimos: «Aí vai X para o jornal e livros». Mais nada! E o nome, a morada? Outros, querendo outrossim manter-se no anonimato, mandam só a morada. Resultado: os primeiros, como a gente desconhece a procedência, suas fichas — no «Famoso» ou na Editorial — continuam em branco. E só quando surge

outra invasão de postais é que acordam. Estes são parte dos nossos trabalhos.

Agora, se nos permitem, não resistimos à tentação de dar à luz uma parte da correspondência dos últimos dias — a mais sugestiva e esclarecedora. Aí vai um cartãozinho justificando delicadamente o atraso para com a Editorial:

«Peço desculpa de só agora liquidar o «Ovo de Colombo». Mas o chefiar uma Secretaria onde estão matriculadas mais

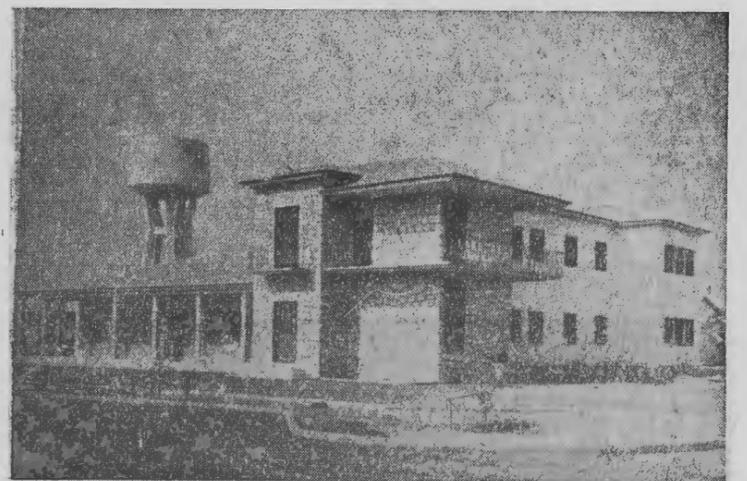
Cont. na QUARTA página

Esta carta revela, em poucas linhas, a grandeza de alma de uma mãe de família, onde cabem não só os seus problemas, mas os problemas dos outros também. E é na medida em que procura dar a sua quota parte para a solução dos problemas dos outros que julga estar a resolver os seus. Tão grave como o egoísmo individual é o egoísmo familiar, é o egoísmo das nações.

Esta mãe é livro aberto a apontar a este mundo, o Caminho da salvação. Quando cada um de nós se aperceber de que é membro de um corpo e de que desse corpo são membros todos os outros; e se decidir a assumir as suas responsabilidades, este mundo será mais humano.

Agora mesmo depositaram em nossas mãos pecadoras um

Cont. na QUARTA página



PERSPECTIVA DA CASA MAE DE BENGUELA.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

Ainda está bem presente em todos nós, o casamento do nosso João. Sim, foi na verdade algo de muito festivo, a começar na Reunião Suprema e no Convívio íntimo dos Filhos de Deus, ali na nossa capela algo mais que uma simples cerimónia. Mas de uma entrega verdadeira de dois filhos que dizem o sim ao Senhor.

Quanto ao resto tudo correu pelo melhor; no nosso refeitório lá estavam as guloseimas à nossa espera, o apetite não faltou! «Todos ficaram saciados».

Na mesma dia depois de tudo terminar, os que ficámos apurados para o serviço militar, partimos, para o nosso Lar do Porto. No dia seguinte começámos a nossa caminhada para Fátima. «São cinco horas da manhã. Vamos embora!» E lá começou a nossa primeira tirada.

Da parte de tarde estávamos em S. João da Madeira, onde era desejo nosso ficarmos naquela primeira noite, mas lá continuámos e, após mais 14km., encontrávamos o lugar ideal, uma aldeiazinha muito hospitaleira: Travanca. Ainda lembro a amabilidade do Sr. P.e Tavares quando generosamente nos mandou cozer umas batatas com bacalhau cedendo-nos o salão de festas daquela freguesia onde ficámos aquela noite.

Que bem nos soube! De manhã lá seguimos contentes, estrada fora, rumo a outra povoação, com o nosso Bessa a alegrar-nos com umas brincadeiras. Iamos mais confiadamente. A graça do nosso Antero que para manter o seu pesado físico, ficou um pouco para trás e vai daí pôr-se a comer uma das galinhas. Quando damos por ela diz ele: «Oh deitei-a fora pois estava a estragar-se». Malandrice! Deitámos todos a rir pois o Antero ia bem carregado com toda a comezaina.

Lá seguimos sorridentes. Nesta segunda jornada, fomos parar a Brejo, a casa de um grande amigo nosso. Que simpatia daquela família, a começar nos avós; até naquele pequeno chamado Toninho. Era de encantar a irradiante simpatia. Cheguei a ponto de dizer para comigo: «Não mereço tanto». Mas enfim! Aqui fica a nossa gratidão, vinda do fundo do coração: mil vezes obrigado a toda a família do nosso amigo Sr. Lourenço.

Na terceira jornada fomos até à nossa casa, ou melhor, o nosso Lar de Coimbra. Aqui já se nos tinha juntado um peregrino que assim veio completar o grupo. Eramos cinco, assim ficámos com um grupo par. Seguindo com ele ficámos mais desejosos pois em muita coisa nos ajudou. Ainda na jornada de Brejos a Coimbra fomos apoiados, pelo do seu irmão que com seu carro nos vinha trazendo água ao longo do percurso, e que calor fazia! Pois tivemos de andar em tronco nú algumas vezes.

Quarta jornada. Aqui é que começaram as dificuldades, tanto de comestíveis como de dormidas. Andámos uns quilómetros sem encontrarmos povoação conhecida. Diz o nosso Diamantino: «vamos já ficar neste monte». Mas como tinha fé em melhor lá andámos mais um pouco e encontramos, já eram 10 da noite, uma povoação acolhedora. Lá estava uma simpática Cidália que nos acompanhou até casa de um moleiro, onde este nos fez uma sopinha quente, e lá ficámos entre o folhelho comodamente.

As cinco da manhã estávamos a pé para outra. O pior é que alguns tinham perdido sapatos, meias etc.! Lá remechemos tudo, uma peça aqui

outra ali e lá ficou tudo em ordem para a marcha.

À quinta jornada já nos encontrávamos perto de Fátima. Então, resolvemos ficar naquela pequena aldeia onde encontramos o tão poético Sr. António que nos acolheu tão bem. Além das batatinhas com bacalhau, deu-nos mais a sua graça. Rimos a bom rir com ele, pois com seu ar de poeta, lá fazia e dizia:

«Alguém de vós sabe poemas como eu sei?» Então ficámos calados ao vê-lo versar poemas. Digo-lhe então — Mas Sr. António isso não são poemas seus pois não? — «Qual quê? eu sei tudo, eu faço um poema a qualquer coisa» — Então foi uma comédia quando ele disse:

«Tenho ali um livro grande onde tenho à mão quer seja poema à luz, à noite, ao vinho, etc.»

Lá ficámos a conversar e fomos até às novas instalações, no meio do folhelho. Ficámos mais aquela noite; de manhã, levantámo-nos um pouco mais tarde. Eram oito horas, veio a esposa do Sr. António e sua filha que nos prepararam uma xícara de café, que nos tirou do sono num instante. Lá fomos. Era dia 11, entramos na terra do «Altar do Mundo» — Fátima! Fomos acolhidos pelo nosso Zé Eduardo que nos arranhou a estadia nos Frades Canadianos. Agradecemos todo o esforço dispensado por eles a nosso favor.

Gostei tanto, quando ouvi aquela linda canção, «Dominique», cantada pelas freiras americanas que lá se encontravam! Ali ficámos até dia 13, onde participámos nas cerimónias.

E regressámos na tarde do mesmo dia.

Segunda feira dia 16, chegou a hora. Os nossos futuros Moçambicanos vão partir. Muita alegria; lágrimas. São irmãos nossos que vão dar o grito de guerra santa ao coração quente de amor naquela terra tão ansiosa por amor mútuo. Nunca nos habituemos a olhar um Cristo vencido; mas sim um Cristo revolucionário, que luta, que faz exército com Sua passagem. Pois então que este exército não seja em vão, mas que revigore outros, que se acham abatidos.

Aproveito o ensejo destas linhas, para que todos os que se confessam amigos nossos vos ajudem, nestas primeiras horas amargas, talvez? Mas que se podem adoçar com a ajuda vossa, não em favoritismo mas amizade verdadeira. Assim podemos ter certeza que algo se faz para uma sociedade mais viril, mais gloriosa, caminhando na vanguarda com passo firme.

José Ferreira

Calvário

Nestes últimos dias a nossa capela sofreu um arranjo necessário às novas disposições litúrgicas.

Por isso não causará espanto que tenha também sido assunto de todos aqueles que podem ir assistir aos actos desta pequena comunidade, ai celebrados.

Não será descabido dizer alguma coisa a propósito dela. Apesar de já alguém a ter descrito tal qual era, e, apesar de mexerem

um pouco no interior, é ainda mais bela.

«O velho espigueiro, monumental em seus cogumelos de granito e colunas oitavadas, também em pedra, adaptou-se a capela, servida por larga escadaria, que trepa por sobre tapete de relva...».

Continua a ser um aviso para todos os que nos queremos bem. A razão que levou Pai Américo a alargar o seu coração até aos doentes foi o que lhe inspirou Aquele que nela se encontra a dar-nos alento para sermos uma prova de que o nosso sofrimento só tem verdadeiro sentido se tentarmos imitar os que Ele teve na Cruz.

É o centro. E situada no centro do «Calvário».

Se a simplicidade era a nota que dava nas vistas de quem nela entra, com o altar mais chegado ao centro, dá-nos a certeza de que Ele está ainda mais junto de nós.

Não é um mito ou coisa parecida. Mas uma presença Real e Viva. O nosso sentir é levado para o aspecto exterior... porque muitas vezes o corpo domina o sentir! O Espírito está pronto... mas a carne é fraca!

Que Ele nesta aproximação do Altar, nos faça compreender, mais a fundo, a Sua Presença! Só assim teremos Forças para levar a Cruz que nos dá!

Manuel Simões

Azurara

Exigem as regras da urbanidade que se faça antes de tudo a apresentação.

Vamos, pois, sem mais protocolos, proceper a isso.

Sou um intruso, um estrangeiro que tem a ousadia de se meter no vosso jornal. Mas fá-lo impedido por um dever de consciência. Ainda bem e valha-me isto, porque então não serão inúteis as palavras que vou escrever.

Queria eu neste momento possuir um pouco da energia de Titan, do poder de oratória de Lacordaire, da melifluidade de estilo de um Eça de Queirós para retratar ao vivo o peito da minha profunda gratidão.

Foram quinze dias de euforia, de descontração e de grandes entretenimentos, entre os queridos gaiatos e isto é pano para não pequena manga.

A praia da Azurara foi a quem coube a escala de mais distração.

E ao começar a falar dela quase se me põe um problema: escrever em prosa ou em verso.

Expliquemo-nos:

O mar, a areia, as ondas, os navios... — que cenário haverá de mais belo e deslumbrante perante o qual nos arrebatemos e extasiemos?!

Bem, mas escrevamos em prosa ou, melhor, numa prosa poética.

Tantas e tantas vezes que ouvimos dizer o tempo é breve, sobretudo se ele é passado em traquinices e em mariolices ou em coisas semelhantes como foi o nosso caso.

Assim aconteceu verdadeiramente, pois foi desprendidos das nossas habituais ocupações, com a comida a nunca faltar à hora estabelecida, com a bola a girar quase continuamente diante dos nossos pés, com música a susurrar de mansinho e quase continuamente aos nossos ouvidos que passámos galhardamente esta temporada.

Breves, muito breves — dizíamos — e devemos sublinhar a carvão e a giz estas palavras.

E agora passemos uma revisão às tropas. Primeiro, tratemos das forças exteriores, depois das interiores.

Enquanto dentro da casa tudo corria às mil maravilhas o Sol não havia meio de sair da toca. Uma

brisa tranquila e pacífica bafejava-nos quase continuamente.

À noite, a chuva vinha muito à socapa bater nos beirais das janelas e alertar o grupo dos mais novos sempre recéosos do pior.

Só no último sábado anterior à nossa partida é que o «Irmão Só» — assim lhe chamava S. Francisco, nos quis brindar com a sua visita.

O mar salgado cujo sal são «lágrimas de Portugal» — como cantou o poeta Fernando Pessoa — não se cansou de bravejar, de alterar connosco. Estava sempre enraivecido, espumava continuamente e cuspiam para a margem as suas entranhas.

À tarde dava-lhe tal gana que parecia um doído num dos seus arrebates nervosos. Não suportava, então, nada.

A areia, fina ou grossa, movediça ou estável, não deixava de roçar pelos nossos pés.

Mas nada disto conseguiu mudar a nossa habitual descontração e serenidade.

Não sei se os marinheiros terão tanto à-vontade em lidar as suas barcarolas como nós na vida que passámos naqueles dias.

Liguemos agora o telefone para o interior, para a zona do mato e da floresta.

O «Caneco» não parava nunca de palrar. Muito deu à língua aquele rapaz. Mas, diga-se de passagem, era tanta a sua maestria na cozinha que um dia deixou entrar o «bispo» e que bispo?!... um «bispão»!!! — no café.

Ainda agora maldigo essa manhã de «bispo»...

Fez-nos um mal horrível. Fosse por respeito às suas barbas, (que as não tem!?), fosse por medo do chefe tudo acabou num simples: — Paciência... Aconteceu.

E o «Aranha», esse não podia faltar!... Naqueles dias parecia que o mar lhe emprestava alguma da sua habilidade para «fernuhar» no acordeão. As notas saíam harmoniosas e bem soantes e «O vento mudou», e «Los Clavelitos...» ressoavam mais maviosamente aos nossos tímpanos.

O Zé Pereira entretinha-se sempre com a sua habitual pachorra a ler aventuras de cow-boys.

Isto é um pequeno apontamento das forças internas. Se querem saber mais remeto-vos ao Senhor General da Força Maior, o Alberto, nosso digníssimo chefe durante este tempo.

Mas tudo isto passou e Paço de Sousa era o nosso destino. Aqui já não se goza da solene quietude das tardes da Azurara, tardes essas que convidavam à oração e ao recolhimento. As suas cambiantes assemelhavam-se a um painel luxuoso recheado de variadas pinturas sobre os mais diversos assuntos.

Aqui já a postos o barulho aumentou mas nada se perdeu. A simplicidade e o à-vontade destes rapazes calaram bem fundo no meu coração e lavraram nele um sulco de profundo recolhimento.

Depois de tudo isto e a terminar estas linhas apenas me resta dizer que tenho saudades de não ficar mais tempo entre vós.

A camaradagem, a familiaridade, a mútua compreensão foi o que mais me encantou.

Há certos factos que jamais se esquecem. Nesse rol de feitos incluo a minha estadia entre vós. Queria ficar e ser gaiato, por mais tempo gaiato? Sim, porque tal o fui, quase não tenho dúvidas durante este tempo. Fizesteis-me «um dos vossos.»

Lacordaire afirmou que a amizade é a união entre duas almas para melhor cumprirem a difícil tarefa da vida. O perfeito e exacto cumprimento desta definição encontrei-o e bem estampado nos gaiatos do Padre Américo.

São homens prontos e dispostos para tudo com um coração capaz de abranger o mundo.

Ao partir levei comigo uma profunda saudade de todos — desde o pequeno Amândio ao grande Faneca ou companhia limitada.

O profundo e sentido «Obrigado» é a palavra que aflora espontaneamente na altura de abalarmos destes arrabaldes. Levamos connosco o fragor oloroso de espírito evangélico que dimana da sua vida tão singela mas tão perfumada.

Mais uma vez, obrigado caros rapazes: e obrigado Sr. Padre Carlos.

Agostinho Borges de Carvalho

SETUBAL

Venda do jornal — A venda ultimamente ressurgiu com uma tal força que facilmente nos fará recordar os gloriosos e inesquecíveis tempos dum Zé Maria, dum Barba Russa, dum Crisanto, dum Rouxinol, etc. etc..

Os vendedores de facto, não são os mesmos mas tanto os de outrora como os actuais abraçaram e abraçam uma única causa, um único lema que é precisamente a venda do «Famoso».

Como me soube bem ouvir o Sr. Padre Acílio Jer aqueles artigos aos nossos vendedores! Eles compreenderam, estou certo! A venda não estaca nem pode estacar. Ela é símbolo de progresso vivo e autêntico quando os indivíduos que para ela cooperam a vivem também autenticamente.

Aqueles passos chocaram-me e daí a minha meditação e o meu arrebatado de consciência em não ter ainda pegado na minha pena e rabiscado umas palavritas sobre «a venda do nosso jornal».

Para mim a venda foi um prazo curto mas que me pareceu infundável. Não a compreendi! Apenas agora começo a divisar aos poucos qual o seu verdadeiro significado. Só agora começo a compreender porque vejo, ao debruçar-me sobre os «gaiatos» antigos, tanta assiduidade deste tema na pena de Pai Américo.

Que um Russito, um Gasosas, um Rouba-Calças, um Gordito, procurem compreender até que ponto vão as sublimes e simples palavras de Pai Américo.

Só assim o progresso e a «venda em série» se poderão notar.

Rogério

BELÉM

A VINDIMA — Ontem acabámos de fazer a nossa vindima. Começámos a vindimar no dia 5, à tarde, e acabámos no dia seguinte.

A nossa Mãe dividiu a tarefa por dois grupos. As vinhas e alguns cordões foram as do meu grupo que as vindimaram. E as latadas e os outros cordões foram as mais velhas.

Nós cortávamos os cachos com canivetes e as mais pequenitas apanhavam os bagos. As mais velhas acartavam as gamelas e os canastos e levavam para o lagar. Era um homem que os esmagava com o esmagador. Este ano fez-se só vinho tinto. Por isso foi mais simples.

No segundo dia, no fim de fazermos as limpezas da casa nós fomos para a vindima, mas as mais pequenitas não foram assim tão cedo, porque estava fresco. Como nos fartámos de comer uvas, o almoço não apetecia às mais pequenas. No fim de almoçar fomos acabar a vinha grande e quando chegámos a casa eram três horas. No fim fomos lavar para irmos à Missa, pois era a primeira sexta feira do mês.

Sãozita



Ovo de Colombo

O «Ovo de Colombo» continua a fazer maravilhas! A despertar muitas almas. A consciencializar muitos cristãos. E a alertar homens bons, adormecidos ou esquecidos da miséria que, muitas vezes, não anda longe da sua porta — barracas, «ilhas» e o mais que a gente sabe.

Vamos continuar a proceder como até aqui: A palavra do leitor tem mais valor que a nossa. Atenção, pois, a um correspondente de Vilar de Andorinho:

«Junto envio 50\$00 para o «Ovo de Colombo» enviado em nome da minha mulher...

Foi a terceira vez que o li: a primeira, fragmentado através das colunas de «O Gaiato»; a segunda, na 1.ª edição em livro; e agora a terceira.

Mas o que é bom nunca cansa; e o «Ovo de Colombo» é o Evangelho dado em exemplos vivos, com um realismo que nos deixa no coração uma comoção transcendente e no espírito uma luz de esperança num mundo melhor.

Nunca a doutrina da Igreja nos foi apresentada com tanta simplicidade e tanta emoção: nem gritos de revolta, nem reacções doutrinárias; apenas, o dever de todos compreenderem que o mundo só terá paz quando o coração dos homens se deixar dominar pelo amor e não pela ambição material.

Pelo «Ovo de Colombo» os ricos são chamados a ficar mais «ricos» perante Deus, sem ficarem pobres perante os homens; e aos Pobres é dado, com justiça, aquele mínimo de dignidade humana que uma escala social desnivelada não permite.

E o milagre foi tão grande que nem o própria Pai Américo já jamais sonhou com a amplitude que ele viria a ter por todo o Portugal fora. Dir-se-ia o milagre da multiplicação dos pães — tão grande tem sido o número de casas edificadas.

Amigo: que bem e que Doutrina! Assim todos entendam, co-

mo entendeu desde a primeira hora.

Agora um comentário sabroso:

«Saúde da boa. Nós bem, na graça do Senhor. Junto 40\$00 para o «Obra da Rua» e «Ovo de Colombo». Desculpe a demora, mas creia que não estava esquecido. Tenho comido muitos ovos mas como o de Colombo nunca nenhum me soube tão bem!»

Mais uma carta. É de Caxarias:

Já que teve o «atrevimento» de me mandar sem meu pedido um «Ovo», junto selos de um

escudo, não para pagar o livro, mas para ajudar uma parte, pois este não tem valor.

Já o tinha lido, emprestado por um amigo, e como não era meu tinha de o entregar, e ficava sem «Ovo» e assim cá o tenho que leio quando posso, e como já estou velho e cansado cá fica para as meus filhos e netos, que são numerosos.

Que preocupação amorosa, a deste amigo já velho e cansado: «Cá fica para os meus filhos e netos, que são numerosos!»

É incomensurável o valor da opinião do leitor. O que sente, o que vive e procura viver, uma vez na posse de tesouros como o «Ovo de Colombo».

Vamos a Sousa — Alentejo. () meu Alentejo, também:

«Os três volumes de Pão dos Pobres li-os logo, apesar de muito a pouco e pouco, mas para este é que ainda não arranjei possibilidades, nem mesmo em condições idênticas. Agora que o meu dia a dia já entrou mais em norma espero lê-lo e apreciá-lo como aos outros. Que «apreciar» não é termo adequado; eles são antes livros de inquietação que aumenta por nos sentirmos incapazes de dar imediata solução a tantos casos; e embora eu procure, quer junto de vós, quer de outros, contribuir para minorar alguns destes males, eu sei bem quão pequenina é a «gota» que envio, para o oceano imenso das necessidades espalhadas pela nossa terra.

Que Deus me ajude para eu poder ajudar os outros, e me dê sempre a consciência precisa para tal».

Finalmente, que o espaço há que ser poupado, deliciemo-nos com umas linhas dirigidas ao nosso Laurindo:

«Meu Caro «Caixa d'Óculos» Espero que não te ofendas com a minha familiaridade mas queria escrever a alguém — não tem piada nenhuma a gente escrever «minha querida Editorial»... — e desde há muito tempo, por culpa do nosso GAIATO (e do Júlio, é claro!) a «Editorial da Casa do Gaiato», para mim, é o «Caixa d'Óculos»!

Por isso me dirijo a ti para dizer que há dois ou três dias mandei para aí um vale de 100\$ por via do «Ovo». Espero que tenha sido recebido.

Quando anunciaram a nova edição do «Ovo de Colombo» fiquei todo contente. Depois, segui passo a passo todas as fazes; à espera. O pior foi quando vi:

«Está pronta a expedição» e eu ainda não tinha recebido! Pensei comigo mesmo: «É aquela organização desorganizada»; e graças a Deus parece que era mesmo, porque quando já me preparava para escrever a «refilar», eis que chega o «Ovo». E dias depois, a provar que a «desorganização» não é assim tamanha, um postalzinho a lembrar... Ainda bem, porque eu sou dos esquecidos.

O «Ovo», ainda não li. Não li mas vou gostar. É que eu conheço a «Doutrina». Sou vicentino, sabes, e não há nenhum vicentino português (ou não devia haver) que não tenha no ouvido as palavras de Pai Américo: «Que não haja nenhuma casa do Património que não seja visitada por uma Conferência de S. Vicente de Paulo». Por isso, vou gostar concerteza.

Até porque Pai Américo é o grande mestre... da acção e talvez a leitura do «Ovo» faça passar as suas palavras do ouvido para o coração e me arranque do meu comodismo e da minha rotina. Assim Deus o permita!

Meu caro «Caixa d'Óculos», esta já vai longa e ainda nada disse que valeu a pena o trabalho de leres.

Quero pedir-te que, apesar da nova Casa de Lourenço Marques, do Calvário, dos Lares e das outras Casas, de Miranda a Benguela, apesar disso tudo, uma parte, pequenina que seja, dos 100 escudos, que mandei pelo «Ovo», entregues à «Conferência da Nossa Aldeia». Essa parcela, ao menos, não vai chegar aos que precisam, em vale de correio... Irá com o calor e com a verdade da presença do apóstolo.

Ide vós que eu não sei. E se me permites abraço em ti toda a Obra da Rua, um abraço de irmão «longínquo» a que falta a coragem da entrega total. Que Deus nos ajude!»

É pena ele não estar em Paço de Sousa. Mas na Casa de Setúbal para onde foi destacado. Apesar de tudo, porém, mesmo lá de baixo, quando nos escreve, pergunta sempre como vão as coisas! E eu fico sempre muito contente; muito contente, pelo interesse do Laurindo. Que Deus o ajude. Que se faça um homem. E seja muito útil na Tipografia setubalense, ora em um prédio rasgado, no coração da cidade.

É pronto. É costume, no fim, bater sempre a mesma tecla: ainda há livros! Muitos do «Ovo de Colombo», menos do «Obra da

Cont. na QUARTA página

AGORA

Há quanto tempo não sai a Procissão! Eu vejo pelo número de presença, destes Amigos que não falham um mês, dos quais achamos agora múltiplos recados!

Assim a Maria do Pequeno Louvre cá vai com uma representação séxtupla. E com ela empatou a que «pede 1 A. M. pela conversão de um Chefe de Família» e o casal Berta e Jorge.

Estes aparecem também a outro título com uma carta, a que não resisto, pelo sentido que dão à sua contribuição mensal, acha que nunca deixa apagar o fogo que arde vivo nos seus corações. Como não deve ser o amor deste par, se tão dedicadamente os dois amam o Próximo!!

«Meus caros Amigos

Há quatro anos já fizemos uma economia e com elas demos 12.000\$00 para uma casa do «Património dos Pobres».

Aqui estamos de novo a mandar uma modesta oferta para outra casa. Temos a impressão de que agora, com o aumento do preço da construção, esta quantia para pouco dá. Não nos é possível mandar mais. Entretanto o que agora vai sempre dará para os alícerces...

Agradecemos o favor de não dar publicidade aos nossos nomes.

Rogando a Deus as maiores felicidades para o património espiritual e moral da vossa Obra, agradecemos esta oportunidade que tivemos de fazer Caridade.

P. S. — Todos os meses mandamos também 100\$00 para a «manutenção» das casas para cuja construção contribuímos».

Que gosto da Beleza Inicial nos não deixam mensagens como esta! Como nós devíamos ser melhores com tantos e tais estímulos! Deus nos perdoe. E perdoem-me também, Berta e Jorge, porque eu não escrevi na vossa carta de 16 de Julho passado a quantia enviada e agora não sei. É a minha «desorganização». Querem ter a bondade de me dizer só o quanto!...

No grupo dos de todos os meses, surge agora o nosso Major do Silêncio. Há cartas de Maio, Junho, Julho e Setembro. Agosto passou-o em Caldelas. Não escreveu mas remexeu os aquistas seus companheiros com o seu amor a todos os rebentos da Obra de Pai Américo. Depois chegaram-nos sinais. E, a confirmá-los ainda há dias, tive notícias da sua remexidela por dois jovens que fizeram tratamento com o Senhor Major. E tais foram que eu fiquei tentado, o ano próximo, a ir continuar a minha interrompida cura quando todos lá estiverem. Será cura de águas e de almas!

Ainda neste grupo, figura a Alda do Ribatejo, duas vezes; e a Odete de Viseu com 120\$, «minhas quotas de Janeiro a Julho (inclusivá)».

Aparece o pendão dos Pessoais, que é, igualmente, de todos os meses. É o da Caixa Textil, do Porto, que a 1\$00 por mês totaliza em seis deles: 1.557\$50. Supunhamos que todos os Funcionários das Organizações Corporativas (já que falo a propósito dos da Caixa Textil) tenham a mesma boa e fácil ideia! Quantas casas se não fariam por esse Portugal além sem sangria para ninguém! Quem terá sido, na Caixa do Porto, o si-

lencioso, a quem Deus soprou tão fácil e eficaz lembrança! Eu pergunto, mas não quero resposta, que, como escreveu Pai Américo, nestas coisas, «é mais perfeito ignorar do que saber».

O Pessoal da HICA, desde Junho a Outubro (Em Setembro não me apareceu sinal de vida!) juntou 6.979\$80 e arastou a sua Administração à prestação de 10.377\$60, tanto quanto ele somou no 1.º semestre deste ano.

Do Pessoal do Grémio de Panificação é que só encontro dois recados, ambos de 172\$50 relativos a Junho e Julho. Terá sido cá que o sinal deles se perdeu!

E hoje aparece-nos um Pessoal novo, ou pelo menos não habitual cá na Procissão. São 14 empregados da Companhia dos Telefones de Lisboa que juntaram 3.500\$. Deus os abençoe e lhes dê o gosto de continuar!

Vamos agora aos das Casas por inteiro. São a 9.ª e a 10.ª do Liceu Rainha Santa Isabel, do Porto, duas dúzias de contos juntos, como vem acontecendo há 10 anos a fio, pelas alunas e Professoras, sendo uma destas a agitadora do Bem. Pois bem haja e que continue a revolução!

De uma Senhora de Henrique de Carvalho vieram 12.500\$ angolares, que deram cá 9.600\$.

Mais 13.000\$ «para uma casa dos que dela necessitam — e tantos eles são, infelizmente». Será a Casa do Pedro. E outra casa, esta mais próxima do valor real, 30 contos, em acção de graças pela formatura e saúde de um filho.

E ficamos hoje por aqui.



OBRA DE RAÍZES PARA RAÍZES, PELOS RAÍZES

Uma carta

«Lisboa 4 de Outubro 1967

Deus seja convosco

Jogo 50 no Calvário

O vosso jornal tem sido recebido regularmente em minha casa. Nunca o tinha lido. Não tinha tempo para ler «porcarias». Numa destas noites não tendo nada para me entreter, peguei no vosso jornal. Um artigo, dois, três; de ponta a ponta. Fui buscar outros. Só encontrei sete. Pena.

Agora agradeço que não faltem com o NOSSO jornal.

Desculpem o tempo perdido.

Obrigado

M.»

Mais um recado aos assinantes do «Famoso» e da Editorial

Cont. da PRIMEIRA página

de três mil alunas, faz-nos perder a noção do tempo e esquecer os nossos deveres pessoais. Desculpem e mandem sempre os livros que eu prometo ser mais cumpridora... Até breve».

Temos outra carta muito interessante. É de Rio Tinto:

«Só lhes tenho a pedir imensa desculpa do meu desmazelo. Têm imensa razão em acordar quem anda a dormir. Parece-me, se não estou em erro, que já há dois anos que não envio a quantia referente à assinatura de «O Gaiato» e agora os livros, os famosos livros que me mandaram, os que, pela doutrina que encerram, não merecem ser esquecidos...»

Aí vai o excerto de mais uma carta de quem já deu fé ser imprescindível muito cuidado, em nos fornecerem os elementos indispensáveis para regularizar os lançamentos nos ficheiros que, repetimos, estão por ordem alfabética; e a ficha de cada um tem o nome que segue impresso na direcção do jornal ou manuscrito nos rótulos dos livros e nos célebres postais-aviso, que ora estão na baila:

«Têm razão em me considerarem ainda em dívida, pois não escrevi a dizer a que fim se destinava o dinheiro. Várias vezes, sempre que me é possível, envio um vale para a Casa do Gaiato — Paço de Sousa, mas sinceramente nunca escrevo. Talvez por preguiça, o que peço me perdoem».

Ó delicadeza!

E como os últimos são os primeiros, eis uma catanada muito amiga, que justificaremos:

«Recebi o aviso que junto e, antes de mais, peço licença para discordar da V/ comunicação. Na realidade, procedi já à solicitada liquidação, no princípio deste mês, tendo deixado no E. M. um sobrescrito com a importância (60\$00?) que se destinava a esse fim, mais à renovação de «O Gaiato». Para quem, ao longo destes últimos 18 anos, tem tido o grato prazer de conviver com todos vós, pelo menos quinzenalmente, não surpreende e muito menos aborrece, a referida comunicação. Estou a par da vossa vida quotidiana e isso não me permite ser menos indulgente. Peço apenas a devida rectificação, de modo a manter limpa a minha ficha, e sempre pronta a servir-me em futuras edições».

Meu bom Amigo: já outros fizeram a mesma queixa, sim senhor. Mas, pela data, notámos a razão da falta — cruzámo-nos na rua e não conseguimos dar fé uns dos outros: o aviso saíu daqui mais ou menos na data em que entregou o sobrescrito no E. M.. Ou, também já sucedeu, haver saído antes, mas demorar o encaminhamento nos C. T. T., por via da aglomeração que gerou o aumento da taxa. Entendido? O pior — com vista aos C. T. T. — foram alguns postais devolvidos ou multados inadver-

precisa de ser extirpado e de que é preciso fazer leis justas «A bem da Nação».

Visado pela
Comissão de Censura

tidamente! Parece que foram poucos. E ainda bem. Se não...

Júlio Mendes

Ovo de Colombo

Cont. da TERCEIRA página

Rua», muito menos do «Pão dos Pobres II e III volumes e quase esgotado o I volume. Quem estiver interessado, venha por aí fora. Carta ou postal, não importa. Mas venha. Já temos o trabalho em dia, graças a Deus. E satisfaremos os pedidos na volta do correio. Entendido?

Júlio Mendes

Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

pacote de roupas e calçado trazido por um casal, com esta marca: «Somos pobres. Temos também 4 filhos».

Beijamos, mais uma vez, as mãos daquelas e daqueles que todos os meses têm ido à padaria pagar o nosso pão.

x x x

FESTAS — Terminaram por este ano. Foram momentos de muita elevação que nos ocuparam cerca de dois meses e outros tantos de preparação. Não pudemos ir a uma ou outra terra onde era nossa intenção ir. Estamos gratos às gentes que nos receberam, como membros queridos de família. Esperamos encontrar-nos de novo no próximo ano, se Deus quiser.

x x x

Obras da nova Aldeia — Será em Janeiro se Deus quiser, que ocuparemos também as novas instalações. A Casa Mãe recebe os últimos retoques. Continua vazia e temos que a encher. As camas para os «batatinhas» estão encomendadas. O «Príncipe Perfeito» é seu portador. Os colchões também. Há dias, encontrando-me em casa da especialidade, fui informado da intenção de pessoas Amigas no arranjo dos colchões e roupas para as camas. O mesmo sucede com a enfermaria. Os tachos e outro material de cozinha também está encomendado. O resto da mobília há-de aparecer. Não escolhemos modelos. Alguns casais pensam em reformar sua mobília de casa. Aceitamos a que é posta de lado e prometemos pô-la no uso de sua função. Há dias veio um candeeiro com esta recomendação: «queremos vê-lo na Casa Mãe». Já tem lugar marcado.

Padre Manuel António

Filhos ilegítimos

Cont. da PRIMEIRA página

um dia, numa festa alguém lhe apontou o pai. O pobre pequeno, todo contente, foi a correr pedir-lhe a bênção e a besta-fera que o gerou respondeu-lhe com um pontapé! O meu coração tem sangrado com todos estes casos que me tem sido dado conhecer e revolta-se por os responsáveis não porem cobro a isto. Ainda julguei que o novo Código viesse resolver o problema, mas, afinal, tudo continua como dantes. Toda a gente se revolta quando vê no jornal qualquer notícia sobre uma mãe que abandona um filho. Mas ninguém se revolta por um homem os abandonar. Por que é chamado à responsabilidade a mulher que abandona o filho ou que o mata ou pretende matá-lo, e não o pai da criança? Que fez ele pela mesma? Alimenta-a? Cuida dela? Se nada disso faz, não a mata também? Porque não é, pois, chamado à responsabilidade? Porque há-de ser só a mulher a pagar as culpas, se a culpa é dum homem tam-

bém? E quantas vezes não é mais do homem que da mulher e muitas outras vezes, exclusivamente do homem!

Uma vez que a lei não remedeia o caso, há que mentalizar a sociedade, de maneira a fazer-se compreender que é vergonhoso um homem gerar um filho e não cuidar dele, abandonando-o à caridade alheia. Infelizmente, neste aspecto as mulheres, também têm muita culpa, não só porque não educam os filhos como devem ser educados, mas também porque mostram excessiva condescendência, se não a mais benevolente simpatia, pelos homens sem moral nem dignidade. Felizmente, também as há que são capazes de renunciar a um casamento vantajoso, só porque o rapaz tem obrigação moral de casar com outra. Mas, infelizmente, o número das que assim procedem ainda é pequeno.

Se o pai ilegítimo cumpriu os seus deveres para com o filho, este terá sempre por ele o devido respeito.

Sei que o meu Avô paterno teve um filho de uma mulher

que se portava mal, antes de casar com minha Avó. Teve aquela fraqueza, mas sempre cuidou do filho, não lhe faltando com nada, recebendo a visita dele quase todos os dias. Minha Avó, conhecedora do facto, recebia-o afavelmente e ele sentia-se em casa do Pai, tal como os outros filhos. O meu Pai e os meus numerosos Tios e Tias sempre se referiam a ele tratando-o como irmão que na verdade era. Nunca houve, de parte a parte, a mais pequena animosidade, mas sim uma profunda ternura. E tanto o meu Pai, como os meus Tios se sentiam orgulhosos da maneira como o meu Avô procedeu e da nobreza de sentimentos que minha Avó sempre mostrou. Quando o meu Avô estava para morrer, minha Avó mandou chamar o notário e recomendou ao meu Avô que deixasse àquele filho uma das melhores propriedades da casa, porque, como a mãe dele era pobre, precisava de herdar mais do Pai do que os outros filhos, para não ficar numa situação de inferioridade perante os irmãos. E assim se fez. Porque não procedem assim todas as pessoas? Não seria tão bela a vida, se as pessoas, quando procedem mal, tratassem de remediar esse mal?

Peço a V. R. me desculpe o vir tomar-lhe algum do seu precioso tempo. Mas queria pedir-lhe que continuasse a falar, porque é preciso convencer as pessoas de que o mal



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE